

BEBÊ-DIABO REENCARNA EM TAUBATÉ

Suélen Dominguês

Em 11 de maio de 1975, em São Bernardo do Campo, nasceu o diabo em carne e osso: com dois chifres pontiagudos, um rabo, olhar feroz, língua suja. Era domingo do dia das mães e o bebê veio pra fazer jus ao tino de ser filho: mal-agradecido. Jurou os médicos de morte, deu um pontapé na barriga progenitora e foi ser satanás da vida.

A culpa ficou com a mãe que, corcunda, com a barriga lá nas costas, debochou um convite de procissão santa, Não vou enquanto esse diabo não nascer. Pois deus levou no literal e a mulher pagou a língua: o canhoto veio à luz. Os jornais perseguiram o tihoso por semanas e meses. São Paulo encapetou. Não há neste Brasil uma alma penada que, num dia de lua cheia, não tenha visto o tendeiro despendurado nalgum telhado.

Que beleza é a imprensa nacional! O NP produziu nada mais que a verdade. Cramulhão ficou orgulhoso de seu filho. E quando o menino levado ganhou a intimidade do povão, o jornal perdeu o motivo. O bebê-diabo se magoou, fez sua malinha e foi viver em perimpompeia.

A superstição é popular, mas a notícia é liberal. Enquanto, em praça pública, o espírito da ditadura defendia a constituição e a liberdade, o bebê-atômico, o bebê-sereia e outros tantos bebês nasciam pra preservar o fim da democracia.

Em 2009, o Et Bilu aterrissou em Corguinho com uma mensagem de paz, Busquem conhecimento! Acontece, as más línguas se contorceram e a imprensa divulgou, O suposto, interesseiro, em busca de fama. Há quem diga que o Et Bilu é pró-Lula, comunista; e há quem diga que ele é o responsável pela grande revelação: a terra não é redonda, é convexa.

Dos boatos, me abstenho. Mas o Et Bilu com certeza acertou, Busquem conhecimento. Bilu, antes de fazer sua malinha e partir pra perimpompeia, me pediu pra disseminar a sua palavra, Eu sou setenta por cento. E a terra é redonda.

Em 2012, a record arrebitou a crista e cantou compromisso com um jornalismo de responsabilidade: a apresentadora do programa “Hoje em dia” desmascarou a grávida de Taubaté. A barriga era de silicone. Que vergonha! Então não sabe que uma

reportagem deve averiguar todos os fatos? Os reais e os irreais. Os deste mundo e os sobrenaturais. A grávida de Taubaté também foi para perimpompeia.

Mas o que ninguém poderia imaginar é que a falsa gravidez gestava a volta do bebê-diabo: hoje, 13 de junho de 2020, em Taubaté, o menino-diabo foi visto rodando pião na praça. Azucrineiro que só ele, abraça o povo, espirra na cara dos compadres. Tosse, tem febre e falta de ar.

No meu pitaco¹, O mais correto é se proteger, porque isso de que o vírus se dissemina assim ou assado é tudo papo de língua que não cabe dentro da boca. Não temos certezas; até o diabo calhou de ser contaminado.

O presidente faz *live* e receita cloroquina. A Folha escreve um louvor ao remédio presidencial: só por má vontade é que o vírus não se deixaria matar pelo remédio. Eu sempre desconfiei que a culpa realmente é nossa que desaprendemos a desacreditar nas superstições bestiais. O menino-diabo quer porque quer cloroquina – álcool em gel, isolamento social, máscaras... Bem capaz! Isso é coisa de gente sem o meu porte físico, eu sou filho daquele que não-se-diz-o-nome, de sobrenome messias. Dale Cloroquina!

E o jornalismo de responsabilidade da record continua fiel à bancada evangélica, abençoado pelo perdão das dívidas. O mundo é canibal: haja avaina de pau pra excomungar presidentes e pastores, chessuss!

O menino-demo, antes mesmo da hora do almoço, bateu as botas e pendurou as meias. Sem luto, sem cova, sem adeus. Não aparecerá no jornal. É que a cloroquina não funcionou. Shhhh! Preservemos a credibilidade da comunicação de massa.

Faço as minhas malas. Lavo as minhas mãos. O Cleiton, meu jegue² azul, me espera de sorriso largo; o itinerário passa por Taubaté em busca do findo diabo. Fincamos na terra o *outdoor* da desigualdade. A bandeira antifascista pintamos de rosa, azul, amarelo, verde, escrevemos cheirosa, gostosa, cremosa. Não sou de esquerda e também não sou de direita.

Eu gostaria de mandar um beijo pra Xuxa.

¹ Pitaco – termo usado no Brasil para referir um “palpite”, uma opinião dada sem fundamento ou conhecimento do assunto.

² Jumento

Depois entramos: o demo, o jegue e eu no guarda-roupa. Dobro e dobro e redobro os trapos, um por um, até que sumimos do monte.

Na geladeira, ficou o bilhete:

Clementina,

se alguém perguntar por mim

diga que fui pra perimpompeia

ouvi dizer que lá tá todo mundo confinado

de máscara na face e olhar desmascarado.

Ps. Não esquece de desligar o congelador uma vez por mês.